MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E IMPASSES IDENTITÁRIOS: ALGUMAS TEORIAS E CONCEITOS

Célia Toledo Lucena[1]

Resumo: As modalidades migratórias contemporâneas no cenário atual de transformações sociais e de globalização econômica demandam novos debates para entender suas múltiplas dimensões. Este artigo discute alguns pontos dos processos das migrações contemporâneas. Nos dias atuais os migrantes lidam com identidades movediças e transnacionais, com a busca de reconhecimento à diferença e com a reconstrução de suas relações em mais de uma sociedade. Estudiosos do fenômeno contemporâneo migratório, de diferentes campos do conhecimento, vêm enfatizando vários aspectos: a mudança do status de imigrante à transmigrante, os impasses encontrados nos convívios com as diversidades culturais, com as fronteiras étnicas e as dificuldades para construir uma única teoria de migração.

Palavras-chave: Migração contemporânea. Diferenças culturais. Identidades movediças. Teoria da Migração.

Abstract: The contemporary migratory modalities, in the scenario of social transformation and economic globalization demand new debates on how to understand their multiple dimensions. This paper approaches some points about the new processes of contemporary migration. The way in which current-days migrants deal with the flying and transnational identities, with search for recognition of the difference and how to reconstitute their relations in more than one society. Scholars of contemporary phenomenon of diferents fields of knownledge emphasize various aspects: the changes status from immigrant to transmigrant, the impasses found in the conviviality with cultural diversity, with ethnic

[1] Doutora em Historia Social pela PUC-SP. Bolsa de Formación Permanente, Fundación Carolina (Universidade de Alicante/Espanha). Membro da Diretoria do CERU/USP e investigadora nos temas: migrações, espaço urbano, cultura e identidade. Mediadora do Grupo de Estudos: Migrações e Identidade (CERU/USP). E-mail: ctlucena@uol.com.br; ctlucena@gmail.com; ceru@usp.br.

boundaries and the difficulties to build a single theory of migration.

Keywords: Contemporary migration. Cultural differences. Flying identities. Migration Theory.

Introdução

A migração internacional é um processo que implica mudanças, estabelecimento em novo espaço, ações que se desenrolam pelo resto da vida do migrante, afetando inclusive as gerações subsequentes. As migrações internacionais recentes têm instigado a repensar as categorias com as quais a migração e os migrantes têm sido analisados.

Migração de acordo com Sayad,[2] é o movimento de pessoas de um país a outro, por longo tempo ou em caráter definitivo. Não se sabe se é um estado provisório que se prolonga indefinitivamente ou, ao contrário, se trata de um estado mais duradouro vivido com sentimento provisório. O imigrante mantém a ilusão coletiva de um estado que não é provisório nem permanente, ou seja, um provisório que pode durar indefinitivamente. O imigrante conquista então, um lugar duradouro na parte inferior da hierarquia social. Distingue a emigração, movimento de saída, de imigração, movimento de entrada. O emigrante e o imigrante são a mesma pessoa. Os processos de emigração e imigração são movimentos complementares, porém não idênticos, com suas especificidades (SAYAD,1998).

Para Castles e Miller (2004) os sonhos do migrante, do momento da partida, são modificados após experiências de vida no país de destino:

> A migração é uma ação coletiva que se origina na troca social e que afeta toda sociedade, tanto nas áreas de saída como nas de chegada. Ademais, a experiência

[2] Consultar o livro, *A imigração* ou os paradoxos da alteridade, (SAYAD, 1988). Em especial o capítulo : O que é um imigrante?

> da migração e de viver em outro país, com frequência leva a modificar os planos originais, de modo que as intenções do migrante no momento da partida não são boas previsoras do comportamento real (p.33).

No contexto atual das migrações, a marca principal que os diferencia é a cultura caracterizada como uma consequência natural do lugar de origem e da geografia de nascimentos. Características essas, se convertem em *marcas identitárias*, nas *diferenças* entre os grupos em convivência a partir dos processos migratórios (RODRIGUEZ, 2005).

O conceito de processo migratório sintetiza sistema e interações que conduzem à imigração internacional. É um percurso que afeta todas as dimensões da existência social e adquire uma dinâmica própria. A migração internacional contemporânea é vista sob a perspectiva de fenômeno considerado como um conjunto de variáveis relevantes no processo de integração global. Assim, muitos apontam a década de 1990 como marco para a mudança e ampliação dos fluxos.

Na atualidade os percursos são mais intensos, os cenários demonstram o aumento de grupos e de nacionalidades diferentes em trânsito, refletindo um movimento cada vez mais amplo das migrações transnacionais, da divisão do trabalho e da mobilidade do capital (SASSEN, 1998). Em todo o mundo, os esquemas migratórios de larga escala persistem com novas formas, desencadeiam novos fluxos em resposta às questões econômicas, lutas políticas e religiosas.

Este artigo se insere no interesse que moveu o Grupo de Estudos *Migrações e Identidade* (CERU-USP)[3] em elaborar um projeto temático

[3] Membros do Grupo de Estudos *Migrações e Identidade*: Célia Toledo Lucena, Geraldo Ribeiro de Sá, Mário Antonio Eufrásio, Lineu Norio Kohatsu, Maria Christina Siqueira de Souza Campos, Leda Maria de Oliveira Rodrigues, Alice Beatriz da Silva Gordo Lang, Marília Gomes Ghizzi Godoy, Carmen Soledad Aurazo de Watson, Margarida Victoria Gomes, Zeila de Brito Fabri Demartini, Arlete Assumpção Monteiro, Haluo Hirata.

abordando estudos e investigações sobre migrações contemporâneas. O tema migração sugere a reflexão de inúmeras questões, que estão na pauta dos debates atuais. Assim, quais são as motivações que conduzem os sujeitos a migrar? Por que da escolha do Brasil como local de destino? Como acontece a acolhida e a integração dos diferentes grupos? Como os migrantes se identificam e são identificados? Como convivem com processos de assimilação, transnacionalismo, diante das diferenças culturais, xenofobias, barreiras étnicas e dos reduzidos direitos sociais? São essas as noções que o grupo (interinstitucional e interdisciplinar) vem debatendo desde março de 2015. Nessa direção, a leitura de vários autores está sendo priorizada, tendo em vista o estudo de algumas teorias e conceitos das discussões recentes sobre migração.

Dessa forma, este texto foi realizado tendo como base os apontamentos de reflexões do Grupo *Migrações e Identidade*, sendo assim, alguns conceitos estudados serão revisitados, de forma interconexa, tendo em vista pensar as identidades diante do quadro das migrações contemporâneas. E por último, apresenta uma breve discussão sobre algumas teorias migratórias diante de novos recortes e novos campos analíticos.

Migrações contemporâneas

A migração internacional não é uma invenção do século atual, nem da modernidade, tem sido parte da história da humanidade; todavia na passagem do XX para o XXI, o fenômeno migratório se generalizou, ampliando suas modalidades. Passou a ter um caráter global e transnacional, envolvendo distintos fenômenos, com implicações diversas, provocando o fluxo de pessoas e grupos sociais entre países, regiões e continentes, resultando numa diversidade étnica dos países, num aumento de vínculos

internacionais entre Estados e sociedades (PATARRA, 2006; CASTLES; MILLER, 2004). A imigração internacional pode ser entendida como uma relocalização territorial de indivíduos entre Estados-nação. Nesse contexto, milhares de atores se deslocam em busca de novas oportunidades, enfrentam barreiras diante das políticas migratórias e conflitos a partir das diferenças. Além de inexistência de politicas migratórias favoráveis, enfrentam estigmas, impasses, dificuldade de alojamento, saúde, escola e salários.

O mundo atual é caracterizado, por um lado, pela reestruturação produtiva do capitalismo global e, por outro, por um fluxo contínuo de mão de obra estrangeira em direção às economias desenvolvidas e em desenvolvimento. Isso porque o capitalismo vai se tornando *insular*, ou seja, a reprodução capitalista se reduz a ilhas ou oásis da produtividade e rentabilidade, em torno dos quais surgem desertos econômicos (KURZ, 2005, p. 29).

Depois do colapso do bloco soviético foi ampliada a massa de *refugiados, asilados* e o aumento da mobilidade, com fluxo de pessoas altamente qualificadas (PATARRA, 2006). O processo de globalização, ao se intensificar, subordina o Estado-nação aos movimentos e articulação do capital (IANNI,1997). As barreiras fronteiriças foram diluídas para o capital e ampliadas para os seres humanos. Os Estados têm estabelecido regimes migratórios diversificados encorajando os mais qualificados a se mobilizar, enquanto os menos qualificados e a população que busca refúgio por conta de perseguição, tem muitas vezes seus direitos negados. Esse processo atua em escala global, atravessa fronteiras, tornando o mundo mais conectado. “As novas características temporais e espaciais, que resultam na compreensão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a terem efeitos sobre as identidades culturais”, (HALL, 2015, p. 39).

Em trabalho intitulado *A era da migração,* Castles e Miller (2004) apontam como causas para o aumento da mobilidade em tempos contemporâneos as seguintes: a desigualdade de riquezas, as pressões políticas, ecológicas ou demográficas, os conflitos étnicos e políticos e a criação de novas áreas de livre comércio ou integração econômica.

Castles (2010) afirma que os fluxos migratórios são decorrentes da *transformação social*, da grande mudança nas relações sociais, econômicas e politicas globais na sociedade contemporânea. Os processos ligados à acelerada globalização econômica e as reconfigurações das relações de poder político, desde o fim da Guerra Fria, representaram uma mudança radical contemporânea, uma "grande transformação". Essas transformações provocam restruturação das forças de trabalho, na fragmentação das comunidades e na redefinição das identidades. A migração não é produto, nem causa da transformação, "mas sim parte integral e essencial dos processos de transformação social" (p.32).

As sociedades modernas são sociedades de mudança constante, rápida e permanente. As transformações servem "para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteram algumas características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana" (GIDDENS, 1990, p.21).

Ainda nessa perspectiva, há que se considerar a relação entre os países mais poderosos e os mais frágeis; a desigualdade de riqueza impulsiona pessoas a se moverem em busca de melhores condições de vida, provocando a atração dos países em desenvolvimento pelos países desenvolvidos. As catástrofes naturais, pressões políticas, ecológicas, demográficas, guerras, perseguições religiosas têm levado os indivíduos a procurar refúgio fora de seu próprio país. É importante compreender como ocorrem as intervenções globais, que afetam as relações de comércio, o emprego e desemprego, como é o caso das intervenções e

seus efeitos no Oriente Médio, na África, nos países da Ásia, da América do Sul e Central, entre outras regiões. Esses fatos, uma vez aprofundados, explicam as razões do êxodo e da busca por outros territórios por parte dos refugiados.

A ampliação do acesso à educação, à informação, ao capital social, aos recursos financeiros aumenta as aspirações dos indivíduos e sua capacidade de migrar é facilitada pela melhoria de transportes e meios de comunicação. Assim, as decisões familiares têm um papel relevante na decisão de migrar, mas as redes sociais apoiadas em tecnologias ajudam a generalizar.

Existe uma ampla tipologia das migrações internacionais segundo motivações e status jurídico. Peixoto (2001), inspirado em estudiosos sobre fluxos internacionais, identifica seis grandes grupos: migrantes permanentes ou de povoamento (possuem estatuto legal no país de destino), trabalhadores temporais e contratados (semiqualificados ou qualificados, permanecem no país de destino por tempo limitado), profissionais qualificados em circulação temporária (empresas transnacionais), trabalhadores ilegais, demandantes de asilo político e refúgio. Dessa maneira deslocam-se mulheres, homens, individualmente ou em grupos, famílias, índios, refugiados, caracterizando migrações inter-regionais e internacionais de trabalho e de asilo, constituindo tanto uma imigração permanente como temporária.

A migração inclui pessoas que querem se assentar de forma permanente e temporária. A migração circular foi conhecida no século XIX, agora existe uma busca crescente de pessoas que se deslocam em busca de um mercado transfronteiriço, temporário, incluso global (SASSEN, 2014). O projeto migratório tem assumido cada vez mais um caráter transitório, com intenção de buscar ganhos financeiros para viver melhor no país de origem. As novas modalidades demandam

uma reavaliação de paradigmas para o entendimento das mobilidades no planeta (PATARRA, 2006; CASTLES; MILLER, 2004; CASTLES, 2005).

O migrante em cenário de diferenças

No cenário da transformação social e da globalização neo-liberal as modalidades migratórias estão sendo revistas e os conceitos estão sendo revisitados. Há necessidade de rever conceitos e noções para dar conta dos processos de integração em *cenários de diferenças*. Viver entre duas culturas é uma característica da migração. Atualmente diversidade cultural, pluralismo cultural, sociedade multicultural e multiculturalismo[4] são noções que constituem o eixo das discussões das identidades migratórias. Dessa maneira, os migrantes e refugiados transitam em linguagens culturais diferentes e apresentam identidades e identificações "movediças" e contraditórias.

Para Kymlicka (1996) a diversidade cultural surge da migração individual e familiar. Os migrantes nos países de destino procuram se unir em associações estruturadas com o objetivo de se integrarem, de serem aceitos como membros de pleno direito e de obter maior reconhecimento de sua identidade étnica. "*Um país manifestará pluralismo cultural se aceita como imigrantes um grande número de indivíduos e famílias de outras culturas e permite manter alguma de suas particularidades étnicas*", (KYMLICKA, 1996, p.29).

[4] "O termo multiculturalismo abarca formas muito diferentes de pluralismo cultural, cada uma das quais projeta seus próprios objetivos. Existem diversas formas mediante as quais as minorias se incorporam as comunidades políticas, desde a conquista e a colonização de sociedades que anteriormente gozavam de autogoverno até a imigração voluntária de indivíduos e famílias. Estas diferenças na forma de incorporação afetam a natureza dos grupos minoritários e o tipo de relações que eles desejam com a sociedade da qual fazem parte" (KYMLICKA, 1996, p.25).

As sociedades modernas se defrontam cada vez mais com grupos minoritários que exigem reconhecimento de suas identidades e acomodação de suas diferenças culturais, algo que é chamado o desafio do multiculturalismo. (KYMLICKA, 1996; BAUMANN, 1999).

Hall (2003) aponta explicações[5], o *multiculturalismo* refere-se às estratégias politicas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. É singular. O multiculturalismo pode ser conservador (assimilação da diferença às tradições da maioria), liberal (baseado numa cidadania individual universal), pluralista (reconhece e concede direitos a grupos distintos), comercial (o reconhecimento da diversidade dos grupos resolve os problemas culturais, crítico ou revolucionário (evoca o poder, privilégio, hierarquia dos grupos e os movimentos de resistência). Enquanto que o *multicultural* é um termo qualitativo, são características sociais apresentadas por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, retendo algo de sua identidade original. É plural.

A noção sociedade multicultural está no dilema moderno das identidades, nos problemas políticos e nos impasses que ela põe em evidência. O problema determinante de uma sociedade multicultural é sempre a busca de uma nova articulação entre a identidade e o político. (MARTUCCELLI, 1986).

Revisitando identidades

Pensar as identidades diante do quadro da migração internacional tem que levar em conta a pertença a uma tradição cultural. Isso significa apostar no paradigma de uma sociedade multicultural. Trata-se do "direito à diferença". "A homogeneização trazida pela globalização é acompanhada de

[5] Ver A questão multicultural (HALL, 2003, p.51-100).

espetáculo de diferenças e a *afirmação de etnicidades*" (VÉRAS, 2017, p.51).

A idéia de que somos sujeitos integrados está se diluindo diante das transformações das sociedades modernas. No mundo contemporâneo os deslocamentos dos indivíduos são tanto de seu lugar social e cultural quanto de si. As identidades culturais são aspectos de nossa identidade que surgem no "pertencimento" a culturas étnicas. Etnia refere-se à língua, religião, costumes, tradições e sentimento de lugar (HALL, 2015). "A etnicidade se refere à capacidade de diferenciar-se ou de identificar-se com os termos do conceito de etnia. A etnia pode estabelecer-se de forma objetiva, por outro lado a etnia refere-se ao processo de identificação grupal", (MATEOS, 2004, 186). O grupo étnico se identifica e é identificado por outros como possuidor de uma categoria diferenciável. Os traços diacríticos definem o pertencimento a uma categoria étnica que acreditam possuir aquela identidade básica. Os grupos étnicos tendo em vista a interação social lidam com identificações centradas nas diferenças culturais.

Barth (1988) indica o conceito de etnia como princípio de organização social da diferença. Grupo étnico nos induz a assumir a manutenção das fronteiras, caracterizadas pelas diferenças racial e cultural, barreiras linguísticas, hostilidade espontânea e organizada. A fronteira étnica canaliza a vida social, ela acarreta de um modo frequente uma organização muito complexa das relações sociais e comportamentos.

> Desde que pertencer a uma categoria étnica implica ser um certo tipo de pessoa que possui aquela identidade básica, isso implica igualmente que se reconheça o direito de ser julgado e julgar-se pelos padrões que são relevantes para aquela identidade. As categorias étnicas fornecem um cadinho organizacional dentro do qual podem ser colocados conteúdos de forma e dimensão várias em diferentes sistemas socioculturais

(BARTH, 1998, p.194).

Assim, a homogeneização trazida pela globalização não abafa as identidades nacionais. São mantidos os vínculos a lugares, símbolos e histórias particulares num conjunto de representações. A identidade nacional revela significados da cultura nacional, produzindo sentidos com os quais as pessoas se identificam e criam sentimentos de "pertença". Existe tensão entre o "global" e o "local" na transformação das identidades. Existe, por um lado, uma tendência à uniformização global e, por outro um fascínio pelas "diferenças" e a mercantilização da etnia e da alteridade. Vem junto com o impacto do "global", um novo interesse pelo "local" (HALL, 2015). O fortalecimento de identidades locais pode ser uma reação defensiva de determinados grupos étnicos quando se sentem ameaçados por outras culturas.

O migrante aprende conviver com múltiplas culturas. A interação em um sistema social não leva ao desaparecimento de marcas culturais. Entre os atores contemporâneos estão emergindo identidades culturais que não são fixas e permanentes, são produtos de cruzamentos e hibridismos. A interdependência global produz fragmentação dos códigos culturais, multiplicidade de estilos com ênfase na diferença e no pluralismo. As identidades tornam-se desalojadas do tempo, dos lugares e tradições e parecem "flutuar livremente".

A leitura da frase abaixo é a melhor maneira de entender os argumentos de Hall:

> A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em momentos diferentes, identidades que não são unificadas ao redor

> de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2015, p.11-12).

Para Bauman a principal força motora por trás dos processos de transformação tem sido a acelerada "liquefação" das estruturas e instituições sociais:

> Ajustar as peças e pedaços, para formar um todo consistente e coeso chamado "identidade" não parece ser a principal preocupação de nossos contemporâneos (...) Uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha. Seria um presságio da incapacidade de destravar a porta quando nova oportunidade estiver batendo (BAUMAN, 2005, p 59-60).

As modalidades migratórias contemporâneas estão associadas à emergência de políticas de identidade para incluir aqueles que fazem o trajeto da emigração para a imigração. As identidades fragmentam-se, apoiam-se em redes sociais e se transformam em cidadãos desterritorializados. A sociedade global leva a múltiplas identidades e pertencimentos transnacionais, gera sociedades multiculturais e identidades transnacionais. Assim, a sociedade multicultural admite justaposição de etnias e diversidade de culturas. A etnicidade tem como alimento a transnacionalidade. A diluição da ideia de nacionalidade possibilita fortes envolvimentos com as duas nações (de origem e destino).

A tensão produzida entre diferenças culturais se manifesta em conflitos suscitados entre as identidades, assim, os grupos apelam por maior visibilidade e coesão política. As práticas reivindicatórias passam a ser mais frequentes entre migrantes, tendo em vista seu direito a uma

existência mais plena. Não apenas os direitos de trabalhador migrante. Na realidade buscam ser aceitos em pleno direito e aceitação das diferenças culturais (SAYAD, 1998; KYMLICKA, 1996; RODRIGUEZ, 2005). Os direitos propostos a serem reconhecidos ao imigrante são direito jurídico (direito de nacionalidade), político (acordos de mão-de-obra, convenções bilaterais) e social. Os migrantes começam a afastar dos limites que lhe foram outorgados. Urge uma revisão na definição mais estreita de migração e migrante. A reivindicação de direitos leva a pensar em questões de justiça social, de políticas publicas, de cidadania, naturalização e relações transnacionais (SAYAD, 1998).

A migração como processo transnacional

O uso do conceito transnacional nas ciências sociais reúne os diversos significados da palavra, de modo que a reestruturação do capital global se relaciona à diminuição da importância das fronteiras nacionais na produção e distribuição de objetos, ideias e pessoas. O conceito do campo social transnacional viabiliza laços com dois ou mais Estados. Segundo estudiosos, a palavra transnacional foi amplamente usada já na década de 1960, para se referir ao estabelecimento de estruturas corporativas ou associativas com base organizacionais estabelecidas em mais de um Estado. Os debates sobre migração transnacional enfatizam os modos correntes e contínuos pelos quais os imigrantes dos dias atuais constroem sua incorporação simultânea em mais de uma sociedade.

A perspectiva *transnacional* é a proposta para compreender a migração na globalização. Um dos traços marcantes nas economias atuais é a presença de empresas transnacionais. A cidadania multicultural parece à solução mais viável para definir as questões do Estado-nação em um mundo cada vez mais móvel. Os processos transnacionais são

acompanhados da "reinscrição" da identidade no território da pátria. Muitos governos consideram seus emigrantes e descendentes como constituintes de seu país natal. É provável que o transnacionalismo continue crescendo e as comunidades transnacionais continuem a organizar atividades, relações e a identidade para os atores com filiação a dois ou mais países (CASTLES; MILLER, 2004). Por transnacional, entende-se o processo pelo qual os migrantes elaboram e sustentam relações multientrelaçadas por meio de políticas dos Estados nacionais com as redes, tendo em vista a construção de cidadania. Transnacionalismo pode, então, ser entendido como um conjunto de projetos culturais e políticas de Estados nacionais para manter a nacionalidade dos seus cidadãos em diáspora.

Glick-Schiller, Basch e Blanc (1995) ressaltam a condição do migrante, agora encarado como *transmigrante.* Segundo as autoras, "a imigração transnacional é o processo pelo qual os imigrantes forjam e sustentam relações sociais de múltiplas dimensões simultâneas que unem suas sociedades de origem e de adoção" (p.2). Dessa forma, o termo *transmigrante*[6] é utilizado para identificar migrantes com participação e contatos com o país de origem e também com o país receptor.

Castles e Miller(2004) acrescentam comentários sobre o uso excessivo do termo:

> a maioria dos migrantes todavia não se ajustam a esse padrão. Os migrantes trabalhadores que permanecem no estrangeiro por alguns anos enviam dinheiro, se comunicam com suas famílias e as visitam ocasionalmente não são transmigrantes. Tao pouco são os migrantes permanentes que vão para sempre e simplesmente conservam um contato laxo com sua terra. A característica chave é que as atividades transnacionais sejam uma parte central da vida das

[6] O termo *transmigrante* pode utilizar-se para identificar as pessoas cuja existência se vê moldada pela participação nas comunidades transnacionais baseadas na migração (GLICK-SCHILLER;BASCH; BLANC,1995).

> pessoas. Quando isso se aplica a um grupo de pessoas então se pode falar em comunidade transnacional. (p.43-44).

O processo transnacional provoca interstícios, formas de importação e exportação, o surgimento de associações, instituições, organizações e programas sociais. Promovem conexões e influenciam eventos locais e nacionais nos países de origem e de destino, reforçando os laços sociais, religiosos, políticos e emocionais em sujeitos transmigrantes. Surge ainda, o conceito de espaços transnacionais, que buscam reconhecer as práticas que conectam o mundo dos migrantes, dos que permanecem no lugar de origem, assim como as instituições e redes que os constroem (FAIST, 2000).

Assim, o processo transnacional gera uma discussão sobre a natureza da localidade como experiência vivida em mundo globalizado e desterritorializado. Os grupos não estão mais firmemente territorializados e espacialmente delimitados. Nessa perspectiva, a migração é um dos meios pelos quais fronteiras e limites estão sendo contestados e transgredidos. As fronteiras do Estado são mais sociais do que geográficas. Os interesses e os conglomerados transnacionais continuam a depender da legitimidade e das estruturas legais, fiscais e policiais do Estado-nação. Os Estados que podem reivindicar populações dispersas se constroem como Estados-nações desterritorializados (GLICK-SCHILLER; BASCH; BLANC, 1995).

Faist (2013) reforça a questão das inequidades (comportamento contrário à moral, à religião, à justiça e à igualdade) e mobilidades transfronteiriças. Assim, existem inequidades nas perspectivas: nacional, internacional, global e transnacional. Esta última lida com as inequidades no contexto das transações transfronteiriças de grupos, pessoas e organizações.

A cidadania e significados

Os teóricos divergem quando se trata de especificar, de estabelecer implicações da migração para cidadania e o significado de cidadania em uma era migratória. Sendo assim, o conceito se desdobra em cidadania mundial, múltipla, transnacional, multicultural, ambiental, feminista, de gênero entre outras. Sem um Estado não pode haver cidadania e sem cidadania não pode haver democracia (FAIST, 2015). Sobre a cidadania múltipla, alguns argumentam que a política do multiculturalismo incita o conflito cultural, outros defendem o multiculturalismo por sustentar que as políticas multiculturais têm proporcionado um aumento de igualdade. Muitos entendem cidadania múltipla como cidadania dual, supranacional e pós-nacional.

Sobre as teorias da cidadania Faist (2014) argumenta que a sociedade cada vez mais transnacional, o movimento de pessoas através de fronteiras dos Estados nacionais estão imbricados em marcos mais amplos de transações transfronteiriças de bens, serviços, capital e ideias e esforços para desfrutar a governança transnacional. A princípio os migrantes e seus descendentes tem relação com mais de um Estado. Pode ser cidadão de um e viver em outro. A cidadania designa igualdade de direitos para todos os cidadãos dentro da comunidade política (CASTLES;MILLER, 2004). A migração é um fenômeno que questiona a cidadania, apontando perguntas sobre a inclusão e exclusão em termos de cidadania.

A dupla nacionalidade parece uma forma adequada de administrar as múltiplas identidades na sociedade global. Existem diferenças nas políticas nacionais voltadas à imigração. Há países que facilitam mais,

outros menos a aquisição de cidadania. Aqueles que têm políticas imigratórias baseadas no *jus solis*, concedem cidadania aos filhos de imigrantes nascidos em seu território. Porém, os países que mantém políticas baseadas no *jus sanguinis* já não concedem, neste último caso, os filhos dos imigrantes permanecem juridicamente estrangeiros (SASSEN, 2014; CASTLES; MILLER, 2004; MATEOS, 2004).

A concessão de cidadania e a aceitação gradual da diversidade cultural pode permitir a formação de *comunidades étnicas* que serão entendidas como comunidades multiculturais. A não aceitação de cidadania, de direitos e da diversidade cultural pode levar à formação de *minorias étnicas* (CASTLES; MILLER, 2004). Pertencer a uma *comunidade étnica* significa apresentar aspecto de coesão de grupo, sob o ponto de vista da identidade coletiva. São consideradas *minorias étnicas* quando apresentam distinção, por sua posição, da sociedade em geral. As minorias[7] não são definidas pelas dimensões numéricas, mas pela posição de superioridade ou inferioridade em comparação a outros grupos,

Nesse sentido, a relação entre grupos de migrantes e a sociedade envolvente dá-se entre culturas que afirmam que as identidades e as cidadanias são construídas no processo de integração na diversidade. O conceito de cidadania permanece baseado em concepções uniculturais e uniétnicas, vale pensar em uma nova configuração ao conceito e aceitá-lo dentro de re-significações com base em relações interculturais e interétnicas (VARGAS LLOVERA, 2007). Assim, a persistência de grupos étnicos em contato implica não apenas critérios e sinais de identificação, mas igualmente uma estruturação da interação que permite a persistência das diferenças étnicas (BARTH, 1998, p.196).

As políticas migratórias falham, os governos enxergam a migração como um problema a ser resolvido, muitos dos cientistas sociais ainda

[7] As minorias podem ser grupos étnicos, religiosos, linguísticos, sexuais, que apresentam distinção aos grupos maioritários dominantes.

fundamentam seus trabalhos em modelos nacionais, muitos tendendo a negligenciar a importância dos movimentos transfronteiriços. Lembra-se que mesmo diante de dilemas, impasses e enigmas a migração há consequências positivas para os migrantes e para suas comunidades de origem.

Em busca de marcos teóricos para estudar migrações

Os movimentos migratórios contemporâneo demandam novas vertentes teóricas, novos eixos de análise, para o entendimento tanto da diversidade de motivos que vêm provocando as migrações e refúgios, como do volume, do significado e modalidades das migrações, ainda sobre o grau de marginalização e exclusão e as estratégias criadas para lidar com barreiras culturais, xenofobias e processos de assimilação. São muitos caminhos teóricos e metodológicos para o entendimento da complexidade dos fluxos de haitianos, congoleses, angolanos, sírios, palestinos, coreanos, iraquianos, venezuelanos, bolivianos, peruanos, equatorianos, indígenas e outros. São as migrações de refugiados/refugiadas, as migrações qualificadas, as de retorno, a migração ambiental, dentre demais modalidades, que fazem parte das tendências de deslocamentos de populações na contemporaneidade.

A crescente importância da migração internacional transformou-a em tema atual, tem sido objeto de um número expressivo de contribuições de caráter teórico e empírico em diferentes disciplinas, tais como sociologia, antropologia, história, geografia, política, educação, saúde pública, comunicação, entre outras. A migração tem um caráter interdisciplinar, desafiado por novas idéias, conceitos e hipóteses. Existe hoje um número maior de investigações, projetos, grupos de estudos e

publicações do que em tempos anteriores.

Autores apontam as dificuldades de elaboração teórica no estudo das migrações internacionais. Uma teoria geral é impossível e indesejável. A busca de um marco teórico único para o estudo das migrações permanece sem resultados. Os campos analíticos discutidos abaixo, de forma sucinta, revelam reflexões em busca de marco teórico, porém não busca o estabelecimento de regras para análise de estudos sobre migrações. Diferentes modelos, diferentes motivações, diferentes fases, diferentes circunstâncias possibilitam diferentes explicações.

Desde 1920 são inúmeros os postulados teóricos para os estudos migratórios. A teoria da *assimilação* (Robert Park/Escola de Chicago), a da *aculturação* (Robert Redfield/Escola de Chicago), são teorias baseadas no modelo como os imigrantes são absorvidos ou integrados em um novo país. As camadas migratórias nos Estados Unidos, particularmente ao longo do séc. XIX e nas primeiras décadas do XX deram oportunidade de instaurar um debate sobre a assimilação das minorias étnicas. Dessa maneira, até a década de 1960, o paradigma da *assimilação* reinava pela influência da Escola de Chicago, desde Roberto Park (1921) até Milton Gordon (1964). No Brasil o uso do conceito de *assimilação* durante o século XX tornou intelectuais preocupados em descobrir a formação nacional do povo brasileiro, o que acabou por influenciar os rumos da política migratória durante a primeira República, quanto à política de nacionalização forçada empreendida durante o Estado Novo, recebendo o nome de campanha da nacionalização (TRUZZI, 2012).

O conceito de assimilação a partir do pós-guerra foi caindo em descrédito nos meios universitários por conta da valorização das identidades étnicas, período influenciado por uma perspectiva multiculturalista. As pesquisas da década de 1970 foram influenciadas pela tendência de atender às subjetividades, chamando a atenção para as

diferenciações grupais (raça, etnia e cultura) que produzem uma sociedade pluralista. Na década de 1980 a crítica aos trabalhos sobre imigração, aos conceitos de assimilação, aculturação e absorção dão lugar ao pluralismo cultural ou étnico e a formação de identidades com base nas fronteiras simbólicas fundadas na diferença (TRUZZI, 2012, FAUSTO[8], 1991).

Como já foi mencionado anteriormente, o estudo de Barth (1969) possibilitou uma discussão sobre o fato de que a interação em um sistema social não leva ao desaparecimento de traços culturais e tampouco à aculturação; as diferenças podem permanecer mesmo em contato interétnicos e interdependência dos grupos. A atribuição étnica classifica as pessoas em termos de sua identidade marcada pela pertença. Os traços culturais que marcam a fronteira podem mudar, as características dos membros podem se transformar. Passou-se a dar ênfase aos conflitos, às perseguições e mudanças sociais existentes no planeta e aos modos como os migrantes tentam superar constrangimentos sociais, às restrições à imigração, exclusões sociais, todavia os esforços não levam ao desaparecimento de racismos, intolerâncias e xenofobias.

Em vários aspectos, os movimentos migratórios atuais diferem daqueles que foram suas características tradicionais e inspiraram as teorias clássicas. As pesquisas recentes têm enfatizado os temas: identidade, redes, acolhimento, integração, assimilação, feminização[9], segunda geração, espaços urbanos transnacionais, políticas de migração, mídia etc. E para tais recortes de estudos novos campos analíticos e novas teorias migratórias estão sendo priorizadas. A teoria da migração deve

[8] Em *Historiografia da imigração para São Paulo*, Boris Fausto aponta a noção de pluralismo cultural para apreender o inter-relacionamento entre as diferentes etnias.

[9] Para as mulheres da América Latina, as últimas décadas, tem sido das feminizações da pobreza, do setor terciário e das migrações. E a feminização da mão-de-obra, entendida como geração de um mercado transnacional composto por uma rede de mulheres que desempenham serviços domésticos, atendimento em lojas, trabalhos em bares e restaurantes (PALACIOS, 2004).

assumir um marco conceitual, que acomoda os fatores e interações que formam o determinado processo migratório.

Como eixo de análise, autores consideram a globalização como parte intrínseca de relacionamentos mais amplos entre as sociedades. A globalização foi caracterizada como o aprofundamento, alargamento e aceleração das interconexões mundiais em todos os aspectos da vida social contemporânea A noção de globalização[10] caminha junto com a aceleração da migração, com a diferenciação da migração, a feminização e a crescente politização da migração (CASTLES, 2004).

Para Patarra (2006), alguns temas devem ser tratados de forma conjunta:

> Diversidade étnica, racismo, multiculturalismo são temas que devem ser tratados de forma conjunta como efeito da distinção entre a população receptora e a população imigrante, frequentemente visto como *estrangeiro* ou *quase cidadão*, a regulação dessa população migrante passa pela dimensão social do trabalho, em que alguns migrantes ficam concentrados em certos tipos de atividades, geralmente com baixo status social, e vivem segregados em áreas residenciais de baixa renda (p.13).

Diante da dinâmica das migrações Castles (2010) propõe um re-enraizamento da pesquisa sobre migrações num entendimento mais geral da sociedade contemporânea e conectando-a as teorias mais amplas da mudança social no âmbito interdisciplinar. Elege a *transformação social* como a categoria central para entender a complexidade dos processos migratórios num contexto de grandes mudanças. "A transformação social pode ser definida como uma mudança fundamental na forma como a sociedade se organiza" (p.28). A análise de processos de transformação social pode fornecer a base para um novo entendimento das ligações

[10] A globalização não se refere somente à economia, foi uma estratégia política, concebida em termos ideológicos.

entre mobilidade humana e mudança social.

As renovadas teorias sobre o conceito de assimilação, inspiradas em Alba e Nee (2003) apontam para processos de mudança capazes de alterar a noção de fronteiras sociais entre grupos. Indivíduos em contato com elementos culturais de novos grupos podem cruzar ou mudar de fronteiras (TRUZZI[11], 2012; CASTLES, 2010). Isso significa que o perfil social de uma fronteira pode se tornar menos nítido com maior ou menor assimilação ao nível individual, de acordo com oportunidades oferecidas nos processos estruturais e institucionais. O conceito é apropriado para interpretar migrações históricas e também as mobilidades contemporâneas com enfoque nas identidades culturais e transnacionais.

Para Seyferth (2007), o conceito identidade tornou-se bastante comum, não somente nas ciências sociais, envolvendo a etnicidade e seus referenciais identitários associados a concepções de singularidade cultural, como também em outras disciplinas. Sobre isso argumenta:

> Tal interesse pode estar associado a um fenômeno que sempre existiu, mas é bem mais intenso hoje- a emergência de políticas de identidade para incluir aqueles que fazem o trajeto da emigração à imigração, que tanto podem assumir o modelo do multiculturalismo (que apela à diversidade cultural com identidades específicas) como o transnacionalismo (projetos culturais e políticos de estados nacionais para manter a nacionalidade dos seus cidadãos em diáspora). (p.36).

O conceito do campo social transnacional representa novo campo analítico, permite interpretar o fenômeno de migração como formado de múltiplas relações com o local de origem e de destino. As conexões são

[11] Ver o texto *Assimilação re-significada:* novas interpretações de um novo conceito (TRUZZI, 2012). Fica evidente a importância da noção de fronteiras sociais entre grupos na interpretação do novo conceito de assimilação. Inspirado em Alba e Nee argumenta que as análises de um processo de assimilação envolvem três processos: cruzamento de fronteiras, obscurecimento de fronteiras e mudanças de fronteiras.

econômicas, religiosas, familiares, sociais, organizacionais e políticas, ao intensificar os processos locais e globais ultrapassam fronteiras geográficas, culturais e políticas (VÉRAS, 2017). Os desafios da globalização e o melhoramento rápido nas tecnologias de comunicação e transporte tornaram cada vez, mais fácil para os migrantes conservar vínculos estreitos com sua área de origem, provocando "o surgimento de um novo corpo teórico sobre transnacionalismo e comunidades transnacionais" (CASTLES; MILLER, 2004, p. 42).

O modelo do multiculturalismo sugere que pensemos algo novo e formas de combinar a diferença e a identidade (HALL, 2003; BAUMANN, 1999). Para Baumann o multiculturalismo é um enigma. Toca nesse ponto quando se refere à impossibilidade da convivência de vários grupos culturais[12], da nacionalidade do Estado-nação, da identidade étnica e da religião como cultura. As minorias étnicas refletem a não aceitação das diferenças, campo que permite a análise dos mecanismos específicos que provocam a marginalização dos grupos.

A teoria das redes é uma inovação que vem sendo adotada em estudos na ação coletiva dos migrantes e comunidades nos processos migratórios e de integração. Nos países de saída as redes são analisadas como mecanismo de transmissão de capital cultural (rotas). E no contexto de acolhida a ênfase incide sobre o capital social (relações, amizade, laços comunitários). As redes proporcionam recursos vitais aos grupos (CASTLES, 2010).

[12] "Como podemos estabelecer um Estado de justiça e igualdade entre três partes: os que creem em uma cultura nacional unificada, os que norteam sua cultura à uma identidade étnica e os que vêm sua religião como cultura. Para resolver o enigma, é necessário conferir o que se entende por nacionalidade ou por Estado-nação, por identidade étnica ou etnicidade e por religião como base cultural. O que tem em comum é uma inquietação pelo significado e a criação de cultura. O multiculturalismo não é o velho conceito de cultura multiplicada pelo número de grupos existentes, senão uma nova e internamente plural colocada em prática da cultura aplicada a um e aos demais" (BAUMANN, 1999, p.9).

Castells (1999), ao discutir as redes, afirma que a restruturação do mundo capitalista de produção se expressa na globalização, e nos mercados transnacionais com isso provocou uma aproximação do "local" com o "global" e das economias das diversas nações. Busca investigar como a migração está intrinsecamente ligada com outras formas de trocas, fluxos de mercadorias, dinheiro e ideias. Remessas, tecnologias e novas ideias, podem gerar mudanças na terra de origem. As redes são mecanismos de transmissão de capital cultural. As redes ajudam os migrantes terem menos custos econômicos, sociais e psicológicos nos processos migratórios.

Considerações finais

No século XXI, novas questões estão sendo discutidas, novas modalidades demandam uma reavaliação de paradigmas para o entendimento das mobilidades internacionais. A diluição das fronteiras econômicas do Estado nacional fragmentou as identidades culturais. A proposta do "caldeirão cultural" ou *melting pot*, foi substituída por outros princípios de identificação, baseados na identidade étnica, racial, religiosa, sexual, linguística, regional. Aquela prática que propunha a integração das "minorias", agora procura ser substituída pela prática de reconhecimento às *diferenças*. Diante da política de guerras, do terror, de crimes e de fundamentalismo religioso, busca-se um equilíbrio que deve ser pensado e adotado em nível internacional.

Castles (2005), aponta para a emergência de uma sociedade multicultural, afirma que nem políticos nem acadêmicos tinham previsto a complexidade do fenômeno, no caso dos acadêmicos devido ao fechamento disciplinar e de paradigmas das abordagens utilizadas e à influência de modelos nacionais fechados. Os políticos têm encarado as

migrações como um problema com uma abordagem que vê o controle transfronteiriço como um elemento central da ideia de soberania, "algo que se poderia fechar como uma torneira" (p.48), de acordo com os interesses nacionais. Acrescenta ainda, a necessidade de pensar politicamente acerca da forma transnacional de participação democrática "não só para os membros das comunidades transnacionais, mas para todos cidadãos afetados pela rápida mudança dos espaços onde se exerce o poder político" (p.92).

Dessa maneira, nos dias atuais, os estudos de mobilidade humana internacional vão de encontro às múltiplas problemáticas dos processos de migrações e refúgio. A utopia pós-moderna de um mundo sem fronteira ainda não aconteceu e, assim, as migrações são processos baseados na desigualdade, discriminação, xenofobia, intolerância e racismo e controlados pelos Estados. O discurso da sociedade envolvente é permeado de preconceitos, que geram estranhamentos, organizam a exclusão, impondo aos diferentes, o adormecimento de seus sonhos, modelando suas condutas e dificultando oportunidades. Assim, os direitos humanos acompanhados de solidariedade dariam uma identidade renovada às nações e aos grupos sociais, permitindo a redução de impasses gerados com base na diferença.

Este estudo, em andamento, sobre migrações contemporâneas requer um avanço teórico e desenvolvimento de pesquisa empírica, tendo em vista, um entendimento mais amplo da sociedade contemporânea. Por meio de análises de identidades migratórias vinculadas aos referenciais teóricos e ao interesse de conhecer o caráter das barreiras entre as diferenças e da ausência de direitos sociais que enfrentam os migrantes e refugiados nos países receptores, será possível alcançar avanços no estudo em questão.

Bibliografia sobre a temática

ALBA, Richard; NEE, Victor. *Remaking the American Mainstream. Assimilation and Contemporart Immigration.* Cambridge: Harvard University Press, 2003.

BAENINGER, Rosana et alii (Orgs). *Migrações Sul-Sul*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de população "Elza Berquó"-Nepo/Unicamp, 2018 (2. Edição).

BARTH, Fredrick. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe. *Teoria da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998

BAUMANN, Gerd. *El enigma multicultural*.Barcelona/Buenos Aires/ Mexico: Paidos, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade.* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BERTONHA, João Fábio. Transnacionalismo e diáspora: reavaliando conceitos e paradigmas teóricos das imigrações. In: GATTAZ, André; FERNANDES, Vanessa (Org). *Imigração e imigrantes.* Salvador: Pontocom, 2015.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguales y desconectados*. Barcelona: Gedisa, 2004

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTLES, Stephen ; MILLER, Mark. *La era de la migración*. Mexico: Universidad Autonoma de Zacatecas, SEGO, INM, Colosio, 2004.

CASTLES, Stephen. *Globalização, Transnacionalismo e novos fluxos migratórios dos trabalhadores convidados às migrações globais*. Lisboa: Fim de século, 2005.

CASTLES, Stephen; HAAS, Hein De; MILLER, Mark J. *The age of migration.* 5th ed., New York: The Guilford Press, 2014.

_____. Contextualização entendendo a migração global, uma perspectiva desde a transformação social. *Revista Internacional Mobilidade Humana*. Brasília, Ano XVIII, n. 35, p.11-43, jul/dez. 2010.

COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas/ São Paulo: Papirus, 1996.

D´APPOLLONIA, Ariane Chebel. *Los racismos cotidianos*. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 1998.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Imigrantes: entre políticas, conflitos e preconceitos. *Cadernos CERU*. São Paulo, vol. 21, n.2 dez. 2010.

FARAH, Paulo Daniel. Combates à xenofobia e à intolerância. *Revista USP*. São Pulo. N.14, p. 11-30. jul/ago/set. 2017.

FAIST, Thomas. *The volume and dynamics of International Migration and Transnational social spaces.* Oxford: Oxford University Press, 2000.

_____. Ahora todos somos transnacionales: relevância de La transnacionalidad para compreender las inequidades sociales. *Migracion y desarrollo*, vol.11, n.20 , Zacatecas, jan. 2013.

_____. Migracion y teorias de la ciudadania. In: MATEOS, Pablo. *Ciudadania Multiple y migración: perspectivas latinoamericanas.* Mexico:CIDE, CIESAS, 2015.

FAUSTO, Boris. *Historiografia da imigração para São Paulo*. SP: Sumaré /FAPESP, 1991.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Saudade, Imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterritorializada. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Campinas, 35-49, 9(1), 1992.

GIDDENS, Anthony. *The consequences of modernity*. Cambridge: Polity Press, 1990.

GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; SZANTON BLANC, Cristina. From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration. *Anthropological Quarterly*. Vol. 68, No. 1 (jan.1995), p. 48-63. Published by: The George Washington University Institute for Ethnographic Research Stable URL:Disponível em: http://www.jstor.org/stable/3317464Accesso em: 26-02-2015 19:48 UTCYour use.

GLICK-SCHILLER, Nina et alii. *Towards a Transnational Perspective on Migration*: Race, Ethnicity and nationalism reconsidered, New York: New York Academy of Science, 1992.

GORDON, Milton M. *Assimilation in American Life*: the role of race, religion and national origens. New York: Oxford University Press, 1964.

HALL Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

_____. *Da diáspora*: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG. Brasília: UNESCO, 2003.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, Fronteiras, Híbridos. Palavras chave da antropologia transnacional. *MANA* 3 (1):7-39,1997.

IANNI, Octavio. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

KURZ, Robert. Barbarie, migração e guerras de ordenamento mundial. SERVIÇO PASTORAL dos Migrantes (Org.) *Travessias na desordem global* - Forum Social das Migrações. São Paulo: Paulinas, 2005.

KYMLICKA, Will. *Ciudadanía multicultural*. Barcelona: Paidós, 1996.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza Campos. *Chegaram as caravelas*: portugueses em São Paulo. São Paulo: Letra e Voz: 2018.

LIMA, Emanuel Fonseca;WATSON, Carmen Soledad Arauzo (Orgs). *Identidade e diversidade cultural na América Latina.* Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Fi, 2017. Disponivel em: https://editorafi.org/228americalatina

LUCENA, Célia Toledo. As "maneiras de fazer" e identidades de mulheres peruanas. In: MAZZA, Debora; SIMSON, Olga Von (Orgs). *Mobilidade Humana e Diversidade sociocultural.* Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

_____. Saberes e sabores do país de origem como forma de integração. *Cadernos CERU.* São Paulo: CERU/USP, v.19, n.1, jun. de 2008.

_____. Sentimentos e ressentimentos entre populações fronteiriças. *Cadernos CERU*. São Paulo: CERU/USP, v.21, n.2. dez. de 2010.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de (Org.). *História Oral e migrações*: método, memória, experiências. São Paulo: Letra e Voz, 2017.

MARTUCCELLI, Danilo. As contradições políticas do multiculturalismo.

Revista Brasileira de Educação. maio/jun./jul./ago.n.2. 1996.

MATEOS, Natália Ribas. *Una invitación a la sociologia de las migraciones*. Barcelona: Ediciones Bellaterra, SL, 2004.

MATEOS, Pablo. *Ciudadania Multiple y migración:* perspectivas latinoamericanas. Mexico: CIDE, CIESAS, 2015.

MUNCK, Ronaldo. Mas allá del norte y del sur? Migración, informalización y revitalización sindical. *Migración y desarrollo*. v. 11, no. 20, jan. 2013. Disponível em: Scielo

PALACIOS, Patrícia Balbuena. Feminización de las migraciones. *Globalización, migración y derechos humanos.* Quito: Programa Andino de Derechos Humanos. UASB-PADH 2004.

PARK, Robert. *Old Word Traits Transplanted:* The Early Sociology of Culture. New York: Harper Brothers, 1921.

PATARRA, Neide. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 19, n. 3, July/Sept. 2005. Disponível em: Scielo. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392005000300002

_____. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. In: *Estudos Avançados,* USP/Instituto de Estudos Avançados, São Paulo, vol. 20, n. 57, 2006.

PEIXOTO, João Alfredo. As migrações e a organização do espaço: novas dinâmicas territoriais e fluxo de trabalho nos contextos nacional e internacional. SANTOS, Maria João et alii. *Globalização:* novos rumos no mundo do trabalho. Florianópolis /Lisboa: UFSC/SOCIUS, 2001.

PIVETTA, Marcos. Efeitos persistentes da imigração. *Pesquisa FAPESP*, São Paulo, n. 257, p. 83-85, jul. 2017.

RODRIGUES, Leda Maria de Oliveira (Org). *Imigração atual:* dilemas, inserção social e escolarização. Brasil, Argentina, EUA. São Paulo: Escuta, 2017.

RODRIGUEZ, Mercedes López. Cultura y migración: los procesos de naturalización de la diferencia. *Migración, Desplazamiento forzado y Refugio*. Quito: Programa Andino de Derechos Humanos y Democracia.

UASB-PADH/UNI{ON EUROPEIA/ GRUPO SOCIAL FEPP/ PLAN MIGRATIÓN, 2005.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Re-conhecer ou Reconhecer? Reflexões sobre direitos, diversidades e reconhecimento. LIMA, Emanuel Fonseca;WATSON, Carmen Soledad Arauzo (Orgs). *Identidade e diversidade cultural na América Latina.* Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Fi, 2017. Disponivel em: https://editorafi.org/228americalatina

SASSEN, Saskia. *Inmigrantes y ciudadanos*: de las migraciones masivas a La Europa fortaleza. Espanha: SIGLO XXI, 2014.

_____. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: USP, 1998

SEYFERTH, Giralda. Os estudos da imigração no Brasil. In: SEYFERTH, Giralda et alii. *Mundos em movimento:* Ensaios sobre Migrações, Santa Maria: UFSM, 2007.

_____. Imigração, Preconceitos e os enunciados subjetivos dos etnocentrismos. *Travessia*. São Paulo, jan/abril, 2005.

_____. A imigração no Brasil comentários sobre a contribuição das Ciências Sociais. *ANPOCS. BIB,* São Paulo, n.57. Primeiro semestre de 2004. p. 7-47.

SILVA, Sidney Antônio da. *Costurando sonhos*. Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo: Paulinas, 1997.

SIMON, Gildas. *La planète migratoire dans la mondialisation*. Paris : Armand Colin, 2008.

TRUZZI, Osvaldo. Assimilação re-significada: novas interpretações de um velho conceito. *Dados-Revista de Ciências Sociais*, vol.55, n.2, 2012, p. 517-553. Universidade Candido Mendes, Brasil.

VARGAS LLOVERA, Maria Dolores. Ciudadania transnacional o la negociación de la ciudadania: los inmigrantes un debate abierto. *Atas* do VII do VII Reunião de Antropologia do Mercosul. Desafios Antropológicos (CDROM), 2007.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Estrangeiros na metrópole: territórios e fronteiras de alteridade em São Paulo. *Revista-USP*. São Paulo.n.114.p.45-54. jul./ago./set. 2017.

VILLAR, Diego. Uma abordagem crítica do conceito de etnicidade na obra de Fredrik Barth. *MANA,* 10(1)p.65-92, 2004.

WISE, Raúl Delgado. Diez años de promover una agenda alternativa de investigación y acción. *Migración y desarrollo*. v. 11, no. 20, jan. 2013. Disponível em: Scielo.